

Cultura urbana de Fortaleza: reflexões sobre o lazer

*Mirtes Freitas**

Resumo

As práticas de lazer que se desenvolvem nas cidades, de um modo geral, estão intimamente ligadas à dinâmica das relações sociais desenvolvidas por seus habitantes. Nesse contexto, estabelecem-se preferências e espacialidades que conferem características específicas de cada urbe, embora atuem sobre elas os elementos presentes no sistema capitalista que acaba por fazer com que as cidades do mundo ocidental, particularmente as dos países mais pobres, enfrentem mais ou menos os mesmos tipos de problemas, não só com relação ao lazer mas também no que diz respeito às outras funções urbanas. Esse artigo trata da evolução das práticas de lazer na cidade de Fortaleza enfocando, de modo particular, a emergência dos clubes sociais como forma preferida de sociabilidade nos anos 1950-1970.

Palavras-chave: lazer, sociabilidade, espaço, segregação espacial.

A complexidade e o leque de inúmeras variáveis abarcadas pelo tema do lazer torna difícil a sua abordagem de maneira sucinta e superficial. O meu interesse pelo assunto levou a elegê-lo como objeto da pesquisa que ancora a minha dissertação de Mestrado em História Social da Universidade Federal do Ceará (UFC), cujo título é “A cidade dos clubes: modernidade e *glamour* na Fortaleza de 1950-1970”.

A proposta do estudo é abordar as práticas de lazer da capital cearense no período citado, direcionando o foco principalmente, para o lazer desenvolvido nos clubes sociais, uma prática hegemônica de sociabilidade na Fortaleza desses vinte anos.

O mergulho nesse universo demandou leituras e reflexões que geraram alguns comentários dedicados ao lazer de forma ampla, nos quais são abordados os conceitos e as dimensões que o tema envolve, ainda que de maneira não tão aprofundada quanto a sua complexidade requer. Essa por si já justificaria uma outra dissertação. No caso desse trabalho, essa abordagem precede a discussão específica que se dá em torno dos clubes sociais de Fortaleza.

Na busca do entendimento das razões que concorreram para o prevailecimento desse tipo de lazer, foi composto um panorama da evolução do lazer na cidade, relacionando-a com o processo de urbanização acelerada ocorrido na maioria das cidades brasileiras a partir de meados do século XX.

O lazer e os estudos das ciências sociais

Desde os tempos mais remotos, o lazer está presente na vida do homem. No entanto, a preocupação com o tema como objeto de estudo e reflexão por parte dos cientistas sociais só ocorreu a partir de finais do século XIX, depois do aparecimento da “sociedade industrial”. Na Europa, as condições desumanas de trabalho que enfrentaram os operários das primeiras indústrias, estimularam, ao lado das suas reivindicações por melhorias, o surgimento de obras nas quais se abordava o problema da qualidade de vida do homem¹.

Nos primeiros anos do século XX, particularmente após a primeira guerra, intensificou-se a produção intelectual², que a partir dos anos 1950 passou a se efetuar de forma sistemática, devido principalmente à origem e aceleração do processo de urbanização característico das sociedades ditas modernas.

No Brasil, da mesma forma que a industrialização ocorrida tardiamente, a produção dos estudiosos sociais a respeito do lazer é relativamente recente. Só a partir de finais dos anos 1960, as obras dos estudiosos europeus foram traduzidas para o português, com anos de atraso em relação ao lançamento dos originais. No que diz respeito à Universidade, foi na década de 1970 que se iniciaram as investigações, intensificadas com o decorrer dos anos posteriores.

Dado o seu caráter interdisciplinar, a matéria representa foco de interesse para profissionais de áreas diversas, ressaltando principalmente aqueles ligados à educação e à produção cultural. No campo da história, ainda existem muitas lacunas a serem preenchidas, particularmente por se constituir o lazer uma dimensão presente no cotidiano dos homens e por isso mesmo um indicador de evidências e de relações sociais que se processaram em determinado tempo, cujas características merecem ser desvendadas.

O conceito de lazer em perspectiva histórica

Mesmo constituindo o lazer, um conceito já incorporado à linguagem corrente, é importante que se façam algumas considerações breves que, para efeito deste trabalho, tornam-se esclarecedoras do seu significado no plano das práticas que se desenvolvem no âmbito do individual e do coletivo, ao longo da configuração histórica das sociedades.

O tempo fora do trabalho é tão antigo quanto o próprio trabalho, mas, para Dumazedier, o lazer tal como hoje o entendemos “[...] tem traços específicos, característicos da civilização nascida com a Revolução Industrial” (DUMAZEDIER, 1999, p. 26). Nesse sentido, o emprego do termo seria inadequado aos contextos de sociedades arcaicas ou pré-industriais.

A palavra encontra sua origem etimológica em *licere*, termo latino que remete a práticas culturais alegres e festivas consideradas lícitas, cujo sentido, na antigüidade greco-romana, estava associado ao ócio: desprendimento das tarefas servis, condição própria à contemplação, à reflexão e à sabedoria. Aí também, ainda ressalta Dumazedier (1999), a utilização do termo lazer seria imprópria, uma vez que “[...] o lazer não é a ociosidade, não suprime o trabalho, o pressupõe. Corresponde a uma liberação periódica do trabalho no fim do dia, da semana, do ano ou da vida de trabalho.” (DUMAZEDIER, 1999, p. 28). Como tal sociedade estruturava-se sobre um modelo escravista, o lazer resultava em privilégio de uma pequena parcela de homens livres, que não tinham quaisquer preocupações quanto ao provimento de ordem material ou com o comércio e a guerra, consideradas atividades das classes inferiores.

Durante a Idade Média, dada a importância do papel desempenhado pela Igreja, novos significados foram atribuídos ao trabalho e ao lazer, correspondentes às perspectivas cristãs. Para o homem, de “natureza inclinada ao pecado”, o trabalho (oriundo de *tripalium*) significaria o padecimento, o cativo e o sacrifício relacionado à expiação dos pecados. O tempo do não trabalho deveria ser destinado à busca da paz e da purificação, devendo ser evitadas as tentações e os prazeres da carne. O lazer era então condenado, pois festas, jogos e espetáculos representariam um perigo à “purificação da alma”. Nesse contexto histórico, conforme ressalta Cristiane Werneck, “[...] o lazer só poderia ser vivenciado se contribuísse para elevar a alma a Deus, impregnando valores morais salientados como essenciais para o mundo do trabalho.” (WERNEK, 2000, p. 37).

A moral protestante, advinda com a Reforma, atribuiu ao trabalho o *status* de virtude, um dever, um modo de servir a Deus e alcançar a salvação. O lazer, gozado como ócio, remetia à noção de preguiça, condição própria ao desenvolvimento do vício e da vadiagem em função da desocupação. Ao consumo do supérfluo e às tentações, deveria ser oferecida resistência.

As mudanças no pensamento político e intelectual, associadas à transição para a Idade Moderna, levaram a uma redescoberta

do saber greco-romano, mais liberto da tradição cristã. A “modernidade”, do ponto de vista do desenvolvimento do capitalismo, introduziu novos conceitos e significados para trabalho e lazer. O tempo passa a ser a categoria pela qual se norteiam as relações sociais e de produção: tempo de trabalho produtivo, tempo de não trabalho.

Dadas as condições em que se desenvolvia a atividade produtiva, principalmente nos primórdios da Revolução Industrial, o ato de trabalhar passou a ser associado a algo penoso, rotineiro, obrigatório e alienante, onde não se podiam exercer a criatividade e a iniciativa. Os únicos momentos de real prazer seriam, portanto, aqueles do tempo não trabalhado. Nesse contexto, o lazer seria a quebra de rotina, associado à realização, à iniciativa, à fuga dos problemas, à compensação das frustrações, à recuperação das energias e à criatividade.

As conquistas sociais alcançadas ao longo do processo histórico, principalmente aquelas da agenda de reivindicação operária, conferiram ao lazer o estatuto de cidadania; uma interrupção no tempo de trabalho ao qual todos deveriam ter direito. Na verdade trabalho e lazer seriam atividades complementares, solução cômoda e adequada para o sistema vigente.

O lazer na sociedade capitalista

O aumento do “tempo livre” conquistado com o decorrer do tempo na sociedade industrial é o resultado do emprego dos métodos de incremento da produtividade, o qual se deve às descobertas técnicas e científicas, aliadas a dois fatores complementares: a ação reivindicatória dos Sindicatos pelo aumento de salário e diminuição de horas de labuta, e a ação das empresas, que liberaram tempo de trabalho, visando ao escoamento de seus produtos, gerando o aumento do tempo de consumo.

Quando se fala de “tempo livre”, deve-se ter em mente que ele é limitado pelas seguintes variáveis: duração do trabalho profissional, tempo despendido na locomoção entre casa e trabalho, tem-

po dedicado às obrigações domésticas ou familiares e arranjo das atividades de manutenção vital: sono, refeições, higiene pessoal. Incluem-se no “tempo livre”, por um lado, as atividades espirituais, atividades sociopolíticas e por outro, o lazer.

Este pode se configurar de várias formas: repouso na medida em que descarrega as tensões advindas da vida cotidiana; divertimento quando combate a monotonia e o enfado do dia a dia; recreação quando desperta o lúdico através da prática de jogos e exercícios; desenvolvimento pessoal e social quando cultiva ocupações de forma livre, sem caráter de dever ou sem motivos utilitários. Seja quais forem as características que assumam, as opções em termos de lazer envolvem sempre duas variáveis: tempo e atitude. Tempo porque para que haja lazer é preciso “tempo disponível”. Atitude, porque o tipo de lazer que se desenvolve está diretamente ligado ao tipo de relação que se processa entre a atividade escolhida e a pessoa que a pratica.

A atividade do lazer também pressupõe a existência de um espaço, seja ele a casa ou a rua, o bar ou o cinema, o espaço público ou privado. Tal como as demais funções urbanas, ele ocorre de maneira diferenciada, atendendo aos anseios e segundo as possibilidades dos diversos grupos sociais. Esses criam ou se apropriam desses espaços da maneira como melhor lhes convém, ou no caso dos menos favorecidos, da maneira que lhes é possível.

Há que salientar ainda que as escolhas por quaisquer tipos de lazer não se dão somente ao nível pessoal. Como o homem vive em sociedade, elas também se processam em função do que é valorizado pelo grupo sociocultural, pois além de ser um fator de maior produtividade porque restaura as forças do indivíduo libertando-o do stress, o lazer é também elemento de integração do ser humano individual em uma coletividade, por facilitar contatos em clima de espontaneidade e alegria.

No entanto, na sociedade “pós-moderna”, como amplamente se designa o período histórico sociocultural que teria se iniciado após a Segunda Guerra Mundial, o lazer assume um viés cultural associado principalmente ao consumo, ancorado na busca do prazer estimulado

pelo desejo e pela fantasia. Tais anseios seriam possíveis em função do suposto clima de liberdade e da possibilidade de extravasamento de repressões contidas. Outro aspecto que também se verifica, que ratifica a característica anterior, é que sob a lógica do sistema, e de forma mais acentuada nos países pobres, o lazer é preponderantemente associado às distrações alienantes, sem preocupações mais profundas quanto ao significado sociocultural e político da vida das pessoas. São enfatizados sobremaneira os elementos ligados à diversão pura e simples e a busca do prazer mais ligado às sensações de euforia imediata.

O lazer na cidade de Fortaleza das décadas de 1950/1970, abordado nesse trabalho, desenvolveu-se em um ambiente ao mesmo tempo público e privado – o Clube Social. Público por congregar uma comunidade de pessoas. Privado porque essas mesmas pessoas, ao comporem um grupo socialmente homogêneo, se segregam em sua organização, para a prática do lazer. Esse aspecto faz com que a segunda característica prevaleça sobre a primeira.

Sociabilidade e lazer na evolução urbana de Fortaleza

O desenvolvimento das relações sociais, no que diz respeito às práticas de sociabilidade e lazer em Fortaleza, vincula-se fortemente aos variados contextos históricos da cidade, guardando íntima relação com as mudanças que se processaram ao longo do tempo no cenário urbano, tanto quanto ao aspecto socioeconômico, quanto do espaço geográfico.

Os vários trabalhos já produzidos a respeito da evolução da capital concordam em afirmar que, somente a partir de meados do século XIX, a cidade tomou impulso, afirmando-se no cenário estadual como centro hegemônico. Se nessa época a ela se associava o acanhamento em termos de infra-estrutura e serviços o lazer não poderia se caracterizar por um nível de sofisticação e diversidade.

Isso não quer dizer, todavia, que atividades ligadas à sociabilidade e à diversão não tenham sido praticadas pelas primeiras comunidades, e até mesmo pelos pioneiros habitantes da pequena

povoação, ainda em suas origens. Essas, contudo, não teriam qualquer expressividade no que diz respeito ao fenômeno urbano.

Lazer como evento social

Entre finais do século XIX e princípios do século XX, obras e espaços públicos destinados ao lazer seriam implementados em Fortaleza, na esteira do processo de “modernização” e reformas urbanas pelo qual passou a cidade.

O Passeio Público (1880), O Teatro José de Alencar (1910), o Cine-Teatro Polythema (1911), o Cine-Teatro Majestic (1917) o Cine Moderno (1922) constituíam os principais espaços de divertimento e deleite coletivo. Contudo, mesmo sendo públicos, esses espaços já eram impregnados pelo viés da segregação.

O Passeio Público por exemplo, foi concebido em três níveis, os quais eram usufruídos por atores sociais de grupos diferenciados. Sobre esse equipamento escreve Sebastião Rogério:

Localizado no perímetro central e com ampla vista para o mar, o Passeio tornou-se de pronto a principal área de lazer e sociabilidade, até que despontassem outras tentadoras opções a partir do século XX [...] Zelosamente cuidado e bastante arejado, o logradouro transformou-se em vitrine ideal para o desfile de elegâncias e enquanto cartão de visita da Cidade, haja vista o álbum de fotografias intitulado ‘Álbum de Vistas do Ceará, 1908’, confeccionado pela casa francesa importadora – exportadora Boris Frères e Cia, impresso em Nice e destinado a dar uma amostra imagética do desenvolvimento da Capital. Entre as dezenas de fotos selecionadas para o encarte, onde despontam praças, ruas, edifícios, escolas e construções em geral, o Passeio Público é o que mais aparece, merecendo fotografias dos seus mais diversos ângulos. (PONTE, 1999, p. 31).

A importância desse espaço, no contexto citadino dos primeiros anos do século XX, é evidenciada no depoimento de José Barros Maia, o Mainha, registrado no livro “Roteiro Sentimental de Fortaleza”:

O Passeio Público era um centro das primeiras diversões de Fortaleza: você ia para lá, tinha participação, tinha movimento, tinha representações, etc. [...] Usavam-no para recreação porque não existia espaço para recreação, já que as casas daquele tempo eram mistas – comércio e residência. Assim os donos dessas casas lançavam mão do Passeio público, para substituir uma falha na construção da arquitetura. (SOUZA; PONTE, 1996, p. 192-193).

O Teatro José de Alencar, pela própria natureza da edificação, era território das elites. Apesar de desempenhar um papel de destaque no cenário urbano, ocupando a lacuna resultante da inexistência de casas de espetáculos teatrais³ mais representativas e apropriadas, não se pode dizer que o teatro em Fortaleza fosse uma atividade diversional intensa que fizesse parte do lazer habitual da população. Embora, historicamente, tenham-se verificado na cidade a criação e a atuação de vários grupos teatrais, esses seriam de característica predominantemente amadora. O calendário do “José de Alencar” era constituído basicamente por espetáculos de companhias oriundas do sul do país, ou até mesmo internacionais, que na cidade aportavam eventualmente.

Prerrogativa dessas classes abastadas seriam também os clubes sociais já existentes, Iracema (1884) e Diários (1913), assim como os saraus e reuniões fechadas que se realizavam nas melhores residências, para poucos convidados das “boas famílias”. Para ilustrar o assunto, é interessante recorrer às lembranças de Mainha:

Os maiores divertimentos, os grandes eram nos clubes: o Iracema e o Clube dos Diários. Isso em 1920, 1923, 1924 [...] Quando um clube dava festas, o outro não dava, porque não tinha gente, público para os dois funcionarem no mesmo dia. (SOUZA; PONTE, 1996, p. 184).

Quanto aos cinemas⁴, afirma Alencar que a freqüência não era das maiores:

Os cinemas se mantinham heróica e milagrosamente com duas sessões de Segunda a Sábado e três aos domingos, contada a vespéral infantil. Geralmente a última sessão era

a mais concorrida, mais por reunião de elegância do que pelo filme. Assistir a tal sessão considerada *chic* era obrigação social. Isso aconteceria até mesmo depois do aparecimento dos outros cinemas. [...] Quando me refiro ao heroísmo e teimosia dos cinemas, é que o cinema em Fortaleza não foi, pelo menos até 1930, um hábito arraigado na população. Contavam-se aos milhares as pessoas que, mesmo residindo no centro, jamais entraram num cinema! Nunca foi possível até então os cinemas funcionarem às tardes. E mesmo as sessões noturnas só eram concorridas aos sábados, domingos e feriados, ou nas exhibições de seriados, ou de filmes sacros como 'Nascimento, Vida, Paixão e Morte de N. S. Jesus Cristo'. (ALENCAR, 1980, p. 45).

A observação do cronista talvez tenha deixado de ponderar alguns aspectos que provavelmente teriam concorrido para a pouca afluência aos cinemas, na sua fase inicial, em Fortaleza. É possível que a escala da cidade não reclamasse sessões cinematográficas em horários diversificados e o público com condições de disponibilizar o período da tarde para assistir às sessões de cinema deveria ser bastante reduzido, já que a maioria da população além de ter que trabalhar, não dispunha de poder aquisitivo para tal.

No entanto, a força do divertimento cinematográfico se consolidaria, com a instalação de novas salas de projeção: Cine Pio X (1923), Cine Centro (1926), Cine União (1927), Cine Merceeiros (1930), Cine Phoenix (1930), Cine Luz (1931), Cine Rex (1940), Cine Diogo (1940), Cine Jangada (1950), Cine Araçanga (1951), Cine Samburá (1952), Cine São Luís (1958).

O surgimento de novos cinemas se deu inclusive, fora do perímetro central⁵. O período de funcionamento dessas salas, assim como sua importância dentro do contexto urbano, varia sensivelmente. Algumas tiveram vida efêmera. Dos cinemas do centro, só o São Luís está até hoje em atividade. Poder-se-iam citar ainda vários nomes de salas de projeção que emergiram na capital. Sua origem contudo, aconteceu mais recentemente, fora do recorte temporal aqui abordado.

Em finais da década de 1930, a exemplo do que acontecia também em outras capitais do país e na esteira do sucesso do rádio, uma outra alternativa de divertimento era constituída pelos programas de auditório. A Ceará Rádio Clube, PRE-9, (1934) e a Rádio Iracema de Fortaleza (1948) celebrizaram-se pelos seus programas, aos quais comparecia grande massa de espectadores, composta principalmente pelos setores populares.

As atrações eram variadas, apresentando-se tanto artistas locais como os que provinham do sul e de outros países da América Latina. O auge desses programas se deu principalmente durante as décadas de 1940 e 1950.

Lazer com sentido coletivo

Ao falar de uma Fortaleza de outros tempos, Raimundo de Menezes evoca as inocentes brincadeiras que se faziam nas ruas da cidade, impregnando o seu discurso com um tom nostálgico e saudosista:

[...] os bons velhinhos que estão quietamente me escutando, nesta hora gostosa de saudades, devem lembrar-se de quantos folguedos que os alegraram na sua juventude que o tempo levou! Recordam-se vocês, ó meus bons amigos, da brincadeira de serrar velha, atroz e perverso, que maltratava e tanto fazia rir? E da dança de São Gonçalo, cantada entre pilhérias, nos dias de casamento? E dos papangús, aqueles cordões enormes de mascarados, a correrem pelas ruas, em corridas doidas, a zombarem de toda gente, em travessuras pândegas? E das pastorinhas, cheias de garbo, melindrosas, em toiles característicos, com as canções doces e emotivas? E dos congos, vistosos, em suas fardas gritantes de mil côes, disciplinados, em dansas exóticas, em bailados bizarros, com suas cantorias nostálgicas? E dos fandangos e dos bois, com suas alegorias caricatas, nas músicas dolentes e saudosas, cujas letras, cheias de uma melodia suave, inebriavam de maior alegria as festas do natal de Jesus? (MENEZES, 1938, p. 4-5).

As manifestações descritas pelo autor, de caráter coletivo e popular, dispensavam quaisquer estruturas ou equipamentos urbanos e aconteciam em função da simples vontade de brincar e conviver. Em verdade, associam-se à Fortaleza do século XIX. Nessa época, a pequena cidade propiciava relações estreitas entre os habitantes.

Com efeito, o caráter comunitário permaneceria como característica da sociabilidade também nos primeiros anos do século XX. Conforme deixa entrever o depoimento de Mainha sobre o Passeio Público, o “sair para os ambientes públicos” seria estimulado também pela própria estrutura das moradias da maior parte da população, que não oferecia condições para o convívio e as trocas sociais. Residências assobradadas existiriam com condições de receber em amplas salas, convidados para prazerosas reuniões, mas sem dúvida, apresentavam-se em número reduzido, sendo seus proprietários integrantes das elites locais.

Ao lado das opções de lazer já comentadas, a forma de sociabilidade mais “democrática” e “popular” dar-se-ia no centro, nos bancos da Praça do Ferreira, nos bares e cafés adjacentes, no qual se conversava sobre tudo: política, negócios ou “amenidades”. Isso não significa que esses espaços fossem compartilhados de maneira igualitária. Até mesmo na praça havia o local dos pobres e dos ricos, como o jardim Sete de Setembro, por exemplo, *locus* das populações ditas elegantes.

Muito se tem escrito⁶ a respeito desse espaço da cidade. A Praça é cantada e decantada como o local que mais identidade guarda com Fortaleza. Escritores, poetas e memorialistas a descrevem em todos os seus aspectos, evocando a imensa variedade de fatos que lá ocorreram, envolvendo desde assuntos de relevância política como passeatas e manifestações, a episódios engraçados e pitorescos que passaram a integrar o “folclore fortalezense”, relacionados a pessoas conhecidas ou tipos populares que se notabilizaram no anedotário da capital.

Ao longo de sua existência como ponto de referência urbana, a Praça do Ferreira passou por inúmeras reformas⁷, sempre a per-

seguir um ideal de mudança e modernidade. Seu papel como centro polarizador da sociabilidade, no entanto, foi sendo aos poucos golpeado em função da dinâmica do crescimento da cidade e da introdução de outras práticas sociais vinculadas a outro tipo de equipamentos e expectativas.

Ainda resgatando práticas de convívio relacionadas a uma Fortaleza mais antiga, é relevante citar um costume muito comum na primeira metade do século XX, que eram as “rodinhas de calçada”, constituídas pelo ajuntamento de pessoas vizinhas, parentes e/ou amigas que se reuniam ao ar livre em agradáveis e animadas conversas. O hábito, bem compatível com o tamanho da cidade que ainda permitia contatos mais estreitos e personalizados, era facilitado também pela inexistência de um grande fluxo de veículos na rua, que colocassem em risco a segurança das pessoas, como recorda Moreira Campos:

Havia, como eu já disse no soneto sobre Fortaleza, cadeiras na calçada. As conversas eram tão curiosas! Ocupavam as calçadas, as cadeiras, ninguém tinha medo de trânsito, não havia essa violência. [...] Era uma coisa muito natural, porque, naquele tempo, as casas eram conjugadas, como no interior, uma perto da outra, uma escorando a outra, as casas relativamente pequenas. Havia os sobrados, as casas grandes, mas, na maioria das casas, não havia espaço interno para conversas. Eram tristes, quentes. Então, na calçada, havia a viração, o vento, sobretudo se era na Barão do Rio Branco, na Major Facundo. O vento vinha do Passeio Público, vinha do mar. Então, as rodas se formavam a ponto de às vezes não respeitarem sequer a rua propriamente dita, o ‘trottoir’! Às vezes, você vinha pela calçada e tinha de descer e contornar para pegar novamente a calçada. Agora, aquilo era um encantamento! Conversava-se de tudo, não se tinha televisão, não se tinha rádio. Conversavam homens e mulheres. Era a fofoca! Há coisa mais deliciosa que fofoca? Todos nós gostamos de uma fofocazinha, coisa e tal, de uma conversinha. Quem disser o contrário, é mentiroso. Então eram aquelas conversas deliciosas, que se formavam nas cadeiras das calçadas. (SOUZA; PONTE, 1996, p. 40-41).

As obrigações religiosas, como as missas domingueiras, também seriam um pretexto para encontros e conversas informais no pátio das igrejas. Do mesmo modo, as quermesses, novenas e procissões criavam oportunidades para a convivência e o conagraçamento das comunidades. Tanto as “rodinhas” como as festas religiosas possuiriam um caráter de natureza mais popular, associada possivelmente às raízes interioranas de parte desses atores. Indício desse fato é que, ainda hoje, em alguns bairros da capital e nas cidades do interior, ainda persistem tais práticas.

Remetendo à importância das atividades religiosas, no contexto das práticas sociais da “Fortaleza de ontem”, Blanchard Girão exemplifica:

A Avenida do Imperador nos idos de 50 abrigava, em centenas de casas quase todas geminadas, famílias da classe média de Fortaleza que, pela vizinhança muito próxima, viviam de maneira quase fraternal daquele tipo de relacionamento íntimo, de visitas constantes, troca de favores costumeiros. [...] E no meio dessas famílias, mais fortalecendo os seus laços, estava a Igreja de São Benedito, localizada entre as transversais Clarindo de Queiroz e Meton de Alencar. Na religiosidade típica dos tempos de antanho, a Igreja de São Benedito, por seus responsáveis, os Padres Sacramentinos, além da Adoração ao Santíssimo e outras promoções, fazia realizar constantes festas e quermesses. No Natal, na Páscoa, no Santo Antônio, São João ou São Pedro, os padres não deixavam por menos: organizavam quermesses, aproveitando os generosos espaços defronte e ao lado da Igreja, decorando-os com bandeirolas coloridas, mesinhas para jogos de prendas e outros atrativos, dentre os quais um barulhento e animado leilão. As novenas e quermesses de São Benedito integravam o calendário festivo não somente do povo da área da Imperador e adjacências (Tristão Gonçalves, 24 de Maio, Princesa Isabel, Meton de Alencar, São Sebastião), mas de gente de outros bairros, todos atraídos pela animação característica dos eventos. (GIRÃO, 1998, p. 123).

Só para homens

Para o segmento masculino, ainda no começo do século XX, o futebol representava mais uma possibilidade de lazer. A introdução desse esporte no Ceará, tal como ocorreu em todo o país, vincula-se às camadas abonadas. O jogo de origem inglesa era pouco conhecido e divulgado. Suas regras tampouco eram de domínio geral.

Em Fortaleza, o esporte teria chegado através de um grupo de rapazes⁸, filhos de grandes comerciantes locais, que estudando na Europa e na cidade do Rio de Janeiro, teriam travado contado com a novidade. Alencar refere-se às partidas de futebol que aconteciam no segundo plano do Passeio Público, em condições precárias e inadequadas:

Era o esporte pelo esporte, pois não havia o mínimo conforto e o campo deixava a desejar. O gramado não prestava. Havia mais areia do que grama. E de quando em vez a bola caía na rua ou no terceiro plano e até na cacimba que ao lado estorvava o jogo quebrando a simetria do quadrilátero. (ALENCAR, 1980, p. 60).

Nos anos 1900, alguns times futebolísticos seriam criados⁹ e a prática do futebol se disseminaria, em ritmo acelerado, passando a ocupar um lugar de destaque no conjunto das diversões masculinas. Tais equipes competiam no Campo do Prado¹⁰, uma espécie de campo oficial, dada a inexistência de locais adequados à prática dos jogos.

Tão rápida a difusão que o esporte alcançou ainda na primeira metade do século XX, que em setembro de 1941 seria inaugurado o Estádio Municipal, o qual passaria a se chamar posteriormente "Presidente Vargas".

Quanto a outros esportes, os jornais do começo do século XX são econômicos em notícias. Contudo, referências eventuais são feitas a "brigas de galos", "lutas livres" e "corridas de cavalos" que aconteciam também no Campo do Prado.

Com o passar dos anos, competições envolvendo outras modalidades esportivas se associariam principalmente aos clubes sociais ou, eventualmente, às instituições educacionais. De maneira geral, o esporte em Fortaleza caracteriza-se como amador, e competições no campo do basquete, vôlei e tênis sempre foram prerrogativa de uma pequena parcela de jovens dos setores socialmente privilegiados. O futebol seria, por excelência, o esporte do povo, praticado de qualquer forma, em qualquer lugar, bastando para isso a existência de uma área livre para a colocação de traves de pau e vinte e dois “atletas” dispostos a jogar.

Outra possibilidade de diversão exclusiva do público masculino seria representada pelas “casas de recursos” *boites* e bordéis. O amor “ilícito” e descompromissado sempre existiu nas sociedades, até como um mecanismo de preservação da estrutura familiar. Apesar de se constituir em uma prática “discreta” entre os homens, sempre foi tida como normal a freqüência a esses ambientes, onde os casados praticavam a dança e o sexo de uma maneira mais livre dos preconceitos e recatos das esposas e os solteiros extravasavam os impulsos que não poderiam ser satisfeitos com noivas e namoradas.

Não seria descabido deduzir que os cabarés atuavam também como escola de dança para os rapazes da elite. Aprenderiam a dançar nesses ambientes mais livres e informais, para depois se exibirem nos clubes, de maneira adequada e comportada, com as namoradas.

Na década de 1930, era famosa a Pensão da Amélia, situada na Praça do Ferreira, nas esquinas das ruas Floriano Peixoto com Pedro Borges, largamente freqüentada pelo público masculino dos estratos superiores da sociedade, como descreve Job:

Aquela Pensão era ponto de encontro de altas autoridades, deputados, intelectuais, comerciantes, industriais, além dos vultos mais destacados da maçonaria de Fortaleza. Sua proprietária Amélia Campos, inteligente, atraente, comunicativa, era exímia importadora de mulheres do mais alto quilate, de todos os estados do Brasil. Cuidava com rigor do seu rebanho. As mulheres do seu prostíbulo, antes de lançar-se no meretrício, recebiam aulas de conversação, vestiam-se

com elegância a ponto de comparecerem às manhãs de domingo na Rotisserie, ponto mais grã-fino da cidade, devidamente enchapeladas. Amélia, por isso mesmo, era respeitada e gozava de grande prestígio diante das autoridades. (JOB, 1992, p. 45).

Nos anos compreendidos entre 1940 e 1970, os cabarés mais conhecidos na cidade funcionavam em sobrados localizados em algumas ruas do centro, como Senador Pompeu, Barão do Rio Branco e rua da Misericórdia. Essas residências, antigas moradias das classes abastadas nos finais do século XIX e princípios do século XX, haviam sido desocupadas pelos seus proprietários, que passaram a morar nos bairros de Jacarecanga e Benfica.

Com a mudança, os antigos solares passaram a ser utilizados no pavimento térreo por estabelecimentos comerciais. Nos altos se instalaram os cabarés¹¹, que abrigavam as mulheres de melhor nível e aparência. As feias, pobres e decadentes se instalariam na área correspondente ao Arraial Moura Brasil, em lugar conhecido como “Curral das éguas”. Tal segregação se efetuou em virtude de medida saneadora e moralizadora do poder público que, através do Chefe de polícia Cordeiro Neto, proibiu que as prostitutas desempenhassem suas funções no centro da cidade. A “zona”, como era denominado o baixo meretrício, era freqüentada pelas classes baixas:

Nas ruas Franco Rabelo e João Moreira funcionavam bares onde ‘mulheres faziam ponto’, sem esquecer a afluência de prostitutas nas proximidades da Catedral. Os soldados do Quartel da 10ª Região Militar eram assíduos freqüentadores dos ‘pontos’ ali existentes. [...] O baixo meretrício concentrava-se no Arraial Moura Brasil, próximo ao centro, onde hoje se encontra o Hotel Marina Park. [...] Com o passar dos anos a prostituição seria empurrada para outros espaços e a avenida Leste-Oeste apagaria a mancha dos prostíbulos baratos. (JUCÁ, 2003, p. 99-100).

Para os homens das classes médias, os cabarés mais freqüentados da área central da cidade eram: o “América”, o “Império”, o “Monte Carlo”, o “Nena”, o “City” na rua Barão do Rio Branco. O

“Amélia Campos”, na rua Pedro Borges o “Olímpia”, na rua Senador Alencar, o “Cristalina”, na rua Floriano Peixoto e a “Casa de madame Nininha” na rua Castro e Silva.

Referindo-se à naturalidade e a convivência da sociedade com a prática da prostituição, Juarez Leitão comenta:

Naquele tempo, a rapaziada de Fortaleza costumava ter uma namorada e uma rapariga, simultaneamente. As moças da sociedade sabiam que seus namorados freqüentavam os bordéis, mas se faziam de desentendidas, já que não poderiam atender às necessidades sexuais dos respectivos. Quem transasse tinha de casar, pois, se o namoro acabasse, o ex-namorado terminava dando com a ‘língua nos dentes’ e a menina ficava falada. (LEITÃO, 2000, p. 254).

O comentário do escritor deixa entrever dois aspectos, em grande medida característicos de alguns setores da sociedade fortalezense da época: a hipocrisia e o machismo. A moça, ao aceitar pelo silêncio o fato do namorado ter uma amante, estaria acatando e reproduzindo o modelo discriminador e repressivo, ao mesmo tempo que incorporando a posição de superioridade e domínio da situação através da idéia “convenientemente” acalentada de que “transa com elas, mas casa comigo”.

O homem, sempre dado a demonstrações de poder e vanglória, “daria com a língua nos dentes” para exhibir-se perante os amigos, por mais uma resistência vencida no jogo da sedução.

Entre 1959 e 1963, ocupando a prefeitura de Fortaleza o General Cordeiro Neto, nova medida repressora foi tomada visando à moralização do centro, proibindo-se a venda de bebidas naquela área depois das sete horas da noite, assim como o barulho de orquestras depois das dez.

Tal fator teria induzido a instalação de algumas boates em zonas periféricas, como a “Margô” na “mata da Aldeota”, o cabaré da “Santa” no Benfica, a casa da “Natália”, na avenida João Pessoa, a “Gaguinha” nas Damas e no final dos anos 1960, a “Casa da Leila” na Maraponga. Esta última, conhecida pelo conforto das instala-

ções e pela beleza das “meninas”, era uma “casa de alto nível”, frequentada pelos mais poderosos da cidade e ponto turístico obrigatório de jogadores, cantores e outros famosos que acaso aportassem nas plagas alencarinas.

Tristeza e monotonia

Todavia, apesar das formas de divertimento até aqui enumeradas, na década de 1950, Fortaleza era vista pelos habitantes como uma cidade que pouco oferecia em termos de opções de lazer. Em pesquisa realizada pelo jornal *O Nordeste*¹², aparece com frequência o descontentamento dos moradores dos diversos locais. Muitos entrevistados, geralmente mulheres, falam da falta de cinemas nos bairros, da falta de praças para o convívio, da inexistência de local para o lazer das crianças e das dificuldades de se ir ao centro para quebrar a monotonia que imperava na vida urbana:

Falta um parque infantil para a recreação das crianças do Benfica. Para este problema chamou-nos, hoje a atenção a senhorita Eneida Sabóia campos, professora graduada pela faculdade católica de Filosofia [...]¹³

Finalizando o seu interessante depoimento, o jornalista Amarílio Furtado de Aquino declarou que o Benfica também precisa de um cinema. [...]¹⁴

É bastante monótona a vida aqui na Praia de Iracema. Respondendo à enquete, diz hoje ao repórter, pelo telefone a senhorinha Simone Meneses Gondim, residente à avenida Pessoa Anta, 688, e que reivindica, entre outras coisas, um cinema para o seu bairro. [...] as famílias de noite não têm para onde sair. O jeito é ficar em casa. Não há um lugar para reunião [...]¹⁵

Queixa-se a garota contra a tristeza de Joaquim Távora, aliás, a capital inteira se banha em melancolia; na saída da aula, falou-nos a senhorita Míriam Peixoto, aluna do 3º Ano Normal do colégio Loutenço Filho e residente à rua Visconde do Rio Branco, 2336 [...]¹⁶

[...] A senhorita Maria Luíza de Almeida Braga, aluna do Ginásio Nossa senhora de Lourdes, reside à rua Senador Alencar, 1066. Conta ao repórter o que é para um broto de sua idade, a vida em Soares Moreno. Bairro sem graça, não por causa do cemitério [...] falou em cinema. Mesmo um cinezinho popular, sem luxo, resolvia [...]¹⁷

Esses são apenas alguns exemplos dos muitos depoimentos que mostravam a insatisfação dos habitantes quanto ao aspecto do lazer em Fortaleza.

O descontentamento com a falta de diversões aparecia ao lado das reclamações que diziam respeito a outras deficiências da cidade, como serviços de água, luz, esgotos, coleta de lixo e transportes, numa clara evidência do valor que assume para a população urbana, a prática do lazer. Esclareça-se que as reivindicações estavam presentes na maioria dos bairros, mesmo aqueles tidos como melhores, devido à natureza socioeconômica das pessoas que ali viviam.

Ratificando esse aspecto, outro periódico "O Jornal", oito anos depois da pesquisa do "O Nordeste", também veiculou a matéria "Fortaleza, cidade sem atrativos", na qual se enfatizava o descaso da administração municipal para com as praças e os logradouros públicos da capital:

Fortaleza é uma cidade sem grandes atrativos. Não porque lhe falta lugares pitorescos (como o Hôrto Florestal) logradouros públicos aprazíveis, como é o caso do Passeio Público (mas porque nem a polícia nem a própria Municipalidade dispensam a esses a atenção que seria de desejar. [...]) Capital de um Estado pobre, todos se admiram do crescimento vertiginoso da capital cearense. No entanto, – pode-se mesmo arriscar – crescemos num amorfo, num mar de confusão. [...] O Passeio – o famoso Passeio Público – já foi, em outras eras, ponto obrigatório de reunião da melhor sociedade fortalezense, da fina flôr, mesmo. [...] Hoje – é esta a verdade – o Passeio está transformado em local de reunião de marginais [...]¹⁸

A matéria prossegue enumerando outras praças que se encontram descuidadas, sem policiamento e, por isso mesmo, abandonadas pela população.

A emergência dos clubes como forma de lazer

As práticas de lazer e sociabilidade representadas pelos cinemas, pelas conversas de calçada, pelos passeios nas praças, persistiriam em maior ou menor grau, ao longo da história de Fortaleza. Conforme a natureza e o ritmo do seu crescimento, algumas foram se intensificando e outras perdendo força ou sofrendo adaptações, apresentando-se de outras maneiras. O nível de permanência das mesmas no entanto, atrela-se ao caráter dos diversos espaços da cidade, como uma decorrência das características culturais e das preferências dos grupos que os ocupam.

De maneira geral, os cinemas se afirmaram como diversão, ampliando o público freqüentador. A partir da década de 1940, principalmente no período pós-guerra, seria essa uma forma de entretenimento preponderante na sociedade local.

Em oposição, as diversões vinculadas ao relacionamento pessoal ou à convivência pública foram perdendo expressão ou até mesmo se extinguindo. O Passeio Público, já na década de 1930, deixaria de ser o local de freqüência coletiva, caindo em desuso nos anos posteriores. As rodinhas de calçada, pelo menos as das zonas centrais, paulatinamente tenderiam a desaparecer, juntamente com a função da habitação nesse setor, incompatíveis que eram com as novas características da cidade que crescia.

Entretanto, a expansão da malha urbana e o anseio de modernidade, não encontravam correspondência no aumento de serviços de infra-estrutura e opções de lazer. Esse quadro de carências na área do divertimento possivelmente constituiu o fator que mais influenciou para emergência e fortalecimento dos clubes sociais como forma prevalente de sociabilidade. Além disso, o aumento da escala urbana e o alongamento das distâncias talvez tenham

concorrido para que os variados grupos sociais procurassem se organizar e refugiar em universos menores e paralelos nos quais pudessem preservar ao mesmo tempo o seu diferencial e a sua urbanidade.

Ao longo dos anos 1940, criaram-se agremiações que, nos dois decênios seguintes, significaram a principal diversão de diversos segmentos sociais.

Lazer privado e distinção social

Um certo sentimento de individualismo aliado a um desejo de reconhecimento e personalização, característicos das sociedades capitalistas, estimula a segregação dos grupos urbanos, baseada principalmente em fatores de ordem socioeconômica. As práticas de lazer são diretamente influenciadas por essa ideologia, fazendo com que setores privilegiados da sociedade criem e elejam para si territórios “delimitados” que os ponham “a salvo” dos contatos indesejados com as classes subalternas. Por sua vez, essas classes muitas vezes influenciadas pelo modelo dominante, ou na busca de alternativas de solução para as suas necessidades cotidianas, também criam seus espaços conforme uma tendência imitativa do que acontece na “esfera superior”.

Ao longo da evolução histórica de Fortaleza, observa-se a criação de uma grande quantidade de associações ligadas às mais diversas atividades: religiosa, cultural, esportiva, política ou profissional, não só no segmento mais abastado, mas também nos setores populares. As entidades direcionadas à diversão, no entanto, ganharam força nesse universo, não só pelo grande número em que ocorreram, mas sobretudo pela importância que lhes foi atribuída no interior da dinâmica urbana.

Dada a maneira como aqui se organizaram, com a aglutinação de indivíduos se efetivando principalmente em torno de características econômicas e sociais, essas associações passaram a ser encaradas também (e principalmente) como elementos indicadores de *status* e posicionamento dos seus participantes, dentro dos variados estratos que compõem a pirâmide social.

Os clubes diversionais se destinavam ao congoçamento e ao deleite de grupos sociais mais ou menos homogêneos. Alguns deles tiveram sua gênese ainda no começo do século XX (Diários e Iracema), na área central da cidade e surgiram em consequência de encontros cotidianos e corriqueiros que aconteciam nos bancos da Praça do Ferreira.

Em Fortaleza, ao longo dos tempos, conviveram inúmeras dessas agremiações. Com efeito, pode ser arrolada uma grande quantidade de nomes que compunham o vasto conjunto de clubes sociais que desfrutaram (alguns ainda desfrutam), no passado, de poder e prestígio, em maior ou menor escala, consoante os grupos que congregavam.

Havia os clubes de natureza classista, esportiva, ou de colônias de cidades interioranas, assim como existiam os ditos “suburbanos”. Mas são sobretudo os clubes chamados “elegantes” que estão presentes nos jornais, com maior frequência, ocupando espaço com convites, convocações de reuniões, e matérias referentes a toda espécie de eventos que lá aconteciam: bailes, desfiles, jantares, recepções, aniversários, acontecimentos comemorativos, homenagens etc.

Eram esses “clubes dos ricos” extremamente “fechados”, tendo o seu ingresso vedado aos não sócios. Os critérios para a associação também eram rigorosos, sendo a aprovação de nomes candidatos motivo de deliberação de diretoria¹⁹. Em geral, os possíveis integrantes eram indicados por sócios antigos, uma das razões pelas quais nesses espaços se desfrutava de um clima de intimidade, reforçado pelos laços de família e amizade.

Especulando-se sobre a o porquê da prevalência dos clubes sociais como opção de lazer em Fortaleza, nos vinte anos que constituem o recorte de tempo desse trabalho, pode-se colocar algumas questões que provavelmente tenham concorrido para que isso acontecesse.

Apesar de não se embasarem em pesquisas mais específicas sobre o assunto, tais considerações ancoram-se nas observações referentes à dinâmica urbana, evidenciadas nos depoimentos orais e nos registros dos jornais da época:

- A cidade não dispunha de muitas opções de diversão. As praias próximas da capital, muito procuradas, atualmente, para os fins de semana, ainda não haviam sido incorporadas à geografia do entretenimento e tinham o seu acesso dificultado. Também o refúgio proporcionado pelas casas de campo ou regiões elevadas como serras, comuns a outras regiões do país, aqui não era prática corrente. Seria assim a frequência aos clubes, uma forma de lazer induzida pela falta de alternativas de entretenimento.

- Em virtude de uma dimensão menor²⁰ e um outro ritmo, mais lento e tranqüilo, haveria maior disponibilidade de tempo e melhores disposições para os encontros e o conagraçamento social, quer fosse na praça ou em locais privados. Com efeito, nesse tempo Fortaleza possuía uma feição interiorana que se refletia nos hábitos de convívio dos grupos sociais. Os contatos eram mais estreitos e duradouros e os laços eram fortificados na estrutura familiar. Cultivavam-se as camaradagens da escola ou do trabalho e as amizades de infância, que eram características principalmente dos habitantes mais antigos.

- Os clubes possuíam determinado tipo de equipamentos que só poderiam ser usufruídos nesses espaços. Quadras e piscinas ainda não faziam parte do programa da moradia, mesmo as das pessoas mais ricas. As estruturas para prática de esportes, tão popularizadas hoje em dia através das academias de ginástica e até mesmo dos condomínios de luxo, não faziam parte daquela realidade.

- O controle familiar, ainda muito rígido nessa época, conferia ao chefe da família um certo poder de decisão sobre o lazer dos seus membros. Daí porque os clubes eram um ambiente sobretudo de diversão familiar. A família divertia-se "unida". A vigilância dos pais ocorria mesmo sem sua presença, uma vez que no clube sempre se encontraria alguém da diretoria ou do seu círculo de relações.

- O clube conferia ao seu freqüentador um certo estatuto de pertencimento, um referencial como cidadão urbano. Seria o seu lugar social, o local no qual se teria a certeza de ser tratado com deferência e distinção. Numa cidade que começava a se expandir, com um aumento populacional vertiginoso, com tendências ao ano-

nimato, o clube era a identificação, a referência, o porto seguro. Havia clubes para todos os níveis e bolsos. Pertencer a um deles acarretaria a inserção dentro da realidade urbana, demarcando o seu lugar de sociabilidade.

- Ainda que alguns observem não ser esse um tipo de lazer que se possa classificar estritamente “de consumo”, é certo que no clube consumia-se um “estilo de vida”. Deter uma ação de sócio dessa ou daquela instituição era motivo de orgulho e *status*, tanto mais caro ou chic fosse o clube. Seria um fator de exteriorização de poder, tal como, guardadas as proporções, uma casa ou carro. À ação de um clube, conferia-se uma dimensão patrimonial.²¹

- O clube era o lugar estratégico utilizado pelos diversos grupos sociais para a reprodução dos seus valores. A convivência com “iguais”, reforçaria a segurança no sentido de que novas possíveis relações aconteceriam entre pessoas de mesmo nível e padrão. Amizades e até casamentos ocorreriam minimizando os riscos das ligações com “pessoas desconhecidas” e sem referência.

- Observa-se na sociedade fortalezense, ainda hoje, uma “inclinação” por incorporar preferencialmente atividades ligadas ao entretenimento puro e simples, em detrimento de outras formas de lazer associadas ao encantamento do espírito e do intelecto. Essa tendência, por assim dizer “cultural”, tem sido enfatizada ao longo da história da cidade, dentre inúmeras outras variáveis, pela falta de priorização do poder constituído na implementação de políticas públicas de educação e lazer, que visem a oferecer a população como um todo, opções variadas de desenvolvimento intelectual e autopromoção. Vincula-se também à emergência da sociedade de consumo, na qual predominam as formas mais superficiais de divertimento, ligadas às experiências imediatas e sensitivas, como: comer, beber, dançar, nadar, jogar etc. coisas que se poderiam fazer nos clubes.

Todas essas razões se conjugariam para fortificar esse tipo de sociabilidade na Fortaleza de 1950/1970, numa evidência de que a forma como se operam as relações sociais não se desvincula do contexto histórico.

O fenômeno dos clubes não aconteceu só na capital cearense. Como outras práticas e modismos que aqui chegam de forma tardia e às vezes mimetizada, tendo como principal matriz inspiradora o Rio de Janeiro ou outros grandes centros urbanos, também em outras cidades brasileiras aconteceram as práticas dos clubes sociais. Entretanto, parece lícito afirmar que aqui houve uma exacerbação e uma supervalorização dessa forma de lazer.

Nos clubes as pessoas conviviam, viam e eram vistas, divertiam-se e se sentiam fazendo parte de uma comunidade diferenciada (ou do seu simulacro). No caso dos clubes elegantes, seria essa privilegiada, no qual se primava pelo cultivo de uma aparência saudável, bonita, distinta, características bem diversas das que eram associadas à “outra Fortaleza”. Uma simulação de cidade dentro da outra, antagonicas e distantes em suas realidades.

Os bailes e eventos que aí se realizavam eram acontecimentos cercados de pompa e luxo, amplamente festejados pela imprensa, aos quais se referia de forma enaltecida, posto que, ainda como hoje, deles se alimenta. As fotos expostas na vitrine da Aba Film no centro – então o *stúdio* fotográfico mais “chic” da cidade – nos dias imediatamente seguintes, mostravam homens e mulheres sorridentes, bem vestidos, sugerindo uma imagem de prazer e felicidade. Comparando aos dias atuais, talvez causassem à época o mesmo efeito de encantamento que as revistas modernas, que veiculam fotos de personalidades do “soçaito” e figuras do meio artístico.

Para as gentes da “outra cidade”, a exposição demonstrava uma “realidade distante” à qual não tinham acesso. Um “mundo de fantasia”. Aos mais abastados, interessava alimentar essa idéia de “superioridade” uma vez que isso os separava dos problemas cotidianos tão característicos do *apartheid* social. A ilusão de “mundo encantado” se cristalizou na cidade, onde grupos sociais elegem e fazem prevalecer, com mecanismos intrincados de domínio e exclusão, as memórias que mais lhes convém.

Até princípios dos anos 1980, ainda resistiram os clubes enquanto estruturas diversionais já de forma “decadente”, se comparada aos “áureos” tempos de 1950 a 1970. A partir daí, foi sendo

construído um discurso de viés saudosista e caráter enaltecendor de uma realidade passada, supostamente “bem mais feliz”. Uma memória de *glamour* se cristalizou de maneira tão veemente, que os aspectos da pobreza e dos conflitos urbanos foram convenientemente obscurecidos.

Notas

* Arquiteta e urbanista formada pela Universidade Estadual do Ceará (UFC), Especialista em Administração de Marketing pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC), (tema da Dissertação: *A Cidade dos Clubes: Modernidade e Glamour na Fortaleza de 1950-1970*). Membro do Corpo Docente da FANOR – Faculdades Nordeste, onde leciona nos cursos de Design e Arquitetura. Desenvolve pesquisas no campo da história e evolução urbana da cidade de Fortaleza. E-mail: mirtesfreitas@hotmail.com

¹ Paul Lafargue militante socialista publicou em Paris em 1880, seu panfleto “O direito à preguiça” considerado o primeiro documento a favor dos operários.

² No início do século XX, Thorstein Veblen publica a “Teoria da Classe Ociosa”, seguida pelas obras de Bertrand Russel, “Elogio ao Ócio” (1935), Johan Huizinga, “Homo Ludens” (1938), David Riesman, “A Multidão Solitária” (1950). Outros nomes mais recentes como Parker, Kaplan, Grazzia, Fourastié desenvolveram estudos nessa área. Ressalta-se, ainda, o trabalho do sociólogo francês Jofre Dumazedier que muita influência exerce sobre as pesquisas brasileiras.

³ As referências históricas às atividades teatrais em Fortaleza dão conta de que o primeiro espaço denominado de “Teatro” na cidade teria sido o Teatro da Concórdia, surgido em 1830, que ficava na confluência da então Travessa Municipal (Guilherme Rocha) com a Rua do Quartel (General Bezerril), de frente para a capela do Rosário. Daí ter-se-ia transferido em 1842, para a Rua Formosa, (Barão do Rio Branco), mudando o seu nome para “Teatro Taliense”. Este desapareceria em 1872. Em 1876, registra-se a fundação de um Teatro São José, na Rua Amélia (Senador Pompeu) entre Guilherme Rocha e Liberato Barroso. Outra área para espetáculos teria surgido em 1877: o Teatro de Variedades, funcionando ao ar livre, na Rua Formosa com a Misericórdia (Dr. João Moreira). Em seu lugar funcionaria de 1880 a 1896 o Teatro São Luís, que eventualmente exibia espetáculos de companhias internacionais que visitavam o norte do país. Como se pode observar até a inauguração do Teatro José de Alencar, Fortaleza não possuía uma casa de espetáculos de porte. Quanto ao aspecto da atividade teatral propriamente dita, vários grupos se formaram ao nível local, na primeira metade do século XX, como: Teatro de São Gerardo, no Alagadiço (1939), Teatro Escola Renato Viana (1941), Teatro do Estudante do Ceará (1943), Teatro Escola do Ceará (1951), Teatro Experimental de Arte (1952), e a Comédia Cearense (1957). Desses grupos, o que alcançou maior expressão, persistindo ainda em atividade, é a Comédia Cearense, fundada por Haroldo Serra. A companhia alcançou reconhecimento inclusive no panorama nacional.

⁴ São também dessa época pioneira, além do Polytheama, Majestic e Moderno: o Cinema Riche (1915, Praça do Ferreira); o Cinema São José (1917, atual Teatro São José na Praça Cristo Redentor), o Cinema Tiro Cearense (1917, Passeio Público) e o Cinema da Estação (1917, avenida Visconde do Rio Branco, próximo à estação de bondes).

⁵ Dentre os cinemas que surgiram em bairros ou em áreas mais afastadas no núcleo central, podem-se citar: Cine Beira-Mar (1924, Praia de Iracema); Cine Grêmio Dramático familiar (1927, avenida Visconde do Rio Branco); Cine Recreio Iracema (1928, avenida Visconde

Cauípe, atual avenida da Universidade); Cine Benfica (1931, avenida João Pessoa); Cine São Gerardo (1931); Cine Popular (1931, Praça da Bandeira, atual Clóvis Beviláqua); Cine Familiar (1937, Otávio Bonfim); Cine-Teatro Cristo Rei (1940, atual rua Franklin Távora, na Praça da Bandeira); Cine Messejana (1948, Rua Padre Alencar em Messejana); Cine Atapu (1950, cruzamento das avenidas Visconde do Rio Branco com Treze de Maio).

⁶ Sobre a Praça do Ferreira, consultar: Alberto S. Galeno: "A praça e o povo: homens e acontecimentos que fizeram a história da Praça do Ferreira". Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991. Juarez Leitão: "A Praça do Ferreira: república do Ceará moleque". Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2002. Daniel Carneiro Job: "Praça do Ferreira": o inédito, o sério e o pitoresco. Fortaleza: Fundação de Cultura e Turismo de Fortaleza, 1992.

⁷ As reformas mais significativas pelas quais passou a Praça do Ferreira podem assim ser sistematizadas: o intendente Guilherme Rocha cercou com gradil a sua parte central e a arborizou intensamente em 1902. Em 1920, o então prefeito Godofredo Maciel, pavimentou com mosaico os passeios e mandou demolir os quatro quiosques existentes nos quatro cantos. Em 1925, o mesmo prefeito mandou construir o coreto central, que seria demolido posteriormente, na gestão de Raimundo Girão, entre 1933 e 1934, para que aí fosse construída a coluna da hora. Em 1941, o prefeito Alencar Araripe mandou abrir duas alamedas para facilitar o fluxo de veículos e instalou novos postes de iluminação. Na administração de Acrísio Moreira da Rocha, em 1946, foi demolida a Travessa Pará para que aí se instalasse o Abrigo Central. A gestão de José Walter Cavalcante foi, na quase unanimidade das opiniões, a que mais prejudicos causou à Praça. O Abrigo Central foi demolido em 1967, e na reforma que aconteceu entre 1968 e 1969, foram propostas elevações e níveis que atuaram no sentido de fragmentar o espaço, perdendo total referência com o todo construído historicamente. Essa época coincidiu com o início do incremento das atividades comerciais, na zona da Aldeota, fato que muito contribuiu para a perda do lugar de primazia daquele logradouro. Em 20 de dezembro de 1991, a Praça seria reinaugurada pelo prefeito Juraci Magalhães, após o processo de radical reforma que visou a resgatar, utilizando metáforas e linguagens atuais, algumas características originais do espaço.

⁸ Dentre os rapazes que estudaram no exterior, citam-se os nomes de João Gentil, José Bruno Barroso e Jaime Loureiro. Dentre os que moravam no Rio de Janeiro, destacam-se Meton Pinto, Humberto Ribeiro e Walter Olsen.

⁹ O Ceará Sporting Club surgiu em 1915, com o nome de "Rio Branco". O Fortaleza Esporte Clube foi fundado em 1919 com o nome de "Stela" e o Ferroviário Atlético Clube seria criado em 1933.

¹⁰ O Campo do Prado é o local onde hoje se regue a Escola Técnica Federal do Ceará, na Avenida Treze de Maio.

¹¹ Cabaré é normalmente uma casa noturna onde se bebe, dança e se assiste a shows de variedades, geralmente estrelados por cantoras, dançarinas e vedetes. O nome associa-se principalmente a Paris, onde ficaram famosos cabarés como o "Moulin Rouge" e brilharam artistas como a cantora Josephine Baker. No Ceará o sentido da palavra foi deturpado, associando-se mais a bordel. O objetivo maior desses espaços seria proporcionar a seus frequentadores a prática do sexo.

¹² Entre 6 de outubro de 1951 e 10 de maio de 1952, o jornal "O Nordeste" realizou uma pesquisa com 140 pessoas residentes nos vários bairros de Fortaleza, na qual foram exteriorizados pontos de vista e reclamações relativas às diversas carências da capital alencarina, no que diz respeito aos transtornos, saneamento, custo de vida, lazer, saúde, educação etc.

¹³ Jornal O Nordeste. Fortaleza, 9 out. 1951.

¹⁴ Jornal O Nordeste. Fortaleza, 11 out. 1951.

¹⁵ Jornal O Nordeste. Fortaleza, 03 nov. 1951.

¹⁶ Jornal O Nordeste. Fortaleza, 9 nov. 1951.

¹⁷ Jornal O Nordeste. Fortaleza, 20 nov. 1951.

¹⁸ Jornal O Jornal. Fortaleza, 15 set. 1958.

¹⁹ A votação proposta de novos sócios era feita pelo sistema de esferas brancas e pretas, em escrutínio secreto, bastando duas esferas pretas para desaprová-la, como se encontra expresso, por exemplo, no artigo 11 do Estatuto do Country Club.

²⁰ A “dimensão menor” citada acima, refere-se menos à espacialidade geográfica e mais à rede de relações sociais entre os próximos. Naquele contexto, cultivavam-se laços de convívio muito mais facilmente.

²¹ O arquiteto José Armando Farias, quando da elaboração do projeto arquitetônico do Clube dos Diários, na década de 1960, recebeu como parte do pagamento pelos seus serviços, ações do referido clube.

Referências

ALENCAR, Edigar. **Fortaleza de ontem e anteontem**. Fortaleza: Edições UFC/PMF, 1980.

DUMAZEDIER, Jofre. **Sociologia empírica do lazer**. Tradução de Sílvia Mazza e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva/SESC, 1999.

GIRÃO, Blanchard. **Sessão das quatro: cenas e atores de um tempo mais feliz**. Fortaleza: ABC Fortaleza, 1998.

JOB, Daniel Carneiro. **Praça do Ferreira: o inédito, o sério e o pitoresco**. 2. ed. Fortaleza: Fundação de Cultura e Turismo de Fortaleza, 1992.

JUCÁ, Gizafran Nazareno Mota. **Oralidade dos velhos na polifonia urbana**. Fortaleza: Imprensa Universitária UFC, 2003.

LEITÃO, Juarez. **Sábado: estação de viver**. Histórias da boêmia cearense. Fortaleza: Editora Premium, 2000

MARCELINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer uma introdução**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2002.

PONTE, Sebastião Rogério da. **Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1999.

SOUZA, Simone; PONTE, Sebastião Rogério (Orgs.). **Roteiro sentimental de Fortaleza**. Fortaleza: UFC-NUDOC/SECULT-CE, 1996.

WERNECK, Christiane. **lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas**. Belo Horizonte: Ed. UFMG/CELAR-DEF/UFMG, 2000.

Abstract

The way leisure develops in the cities, is deeply connected to the social relationships dynamic of its habitants. In this context, preferences which give special characteristics to each city are established, although some issues of the capitalist system end up causing to the occidental cities, particularly the poorer ones, the same kind of problems, not only concerning leisure, but also the other urban functions. This article talks about the evolution of the leisure practices in Fortaleza city, focusing on the appearance of the social clubs as the main way of sociability in the years of 1950-1970.

Keywords: leisure, sociability, space, space segregation.